

Ressignificar a terceira idade – diversidade de gênero, sexualidade e educação: uma abordagem no contexto da Universidade da Maturidade (UMA/UEMS)

Remeaning the third age – gender diversity, sexuality and education: an approach in the context of the University of Maturity (UMA/UEMS)

DOI: 10.54033/cadpedv20n9-024

Recebimento dos originais: 08/11/2023
Aceitação para publicação: 11/12/2023

Leila Cardoso Machado

Mestre em Linguística Aplicada

Instituição: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Endereço: R. 339+GH, Rod. Dourados, Itahum, 12, Dourados – MS,

CEP: 79804-970

E-mail: leila.machado@uems.br

Josiane Peres Gonçalves

Pós-Doutora em Educação

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, Partenon, Porto Alegre – RS, CEP: 90619-900

E-mail: josiane.peres@ufms.br

Neila Barbosa Osório

Pós-Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Endereço: Quadra 109 Norte, Av. NS-15, Plano Diretor Norte, Palmas – TO,

CEP: 77001-090

E-mail: neilaosorio@uft.edu.br

Katia Juliane Lopes de Oliveira

Mestre em Letras

Instituição: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Endereço: Av. Dom Antônio Barbosa, 4155, Vila Santo Amaro, Campo Grande – MS, CEP: 79115-898

E-mail: katiajuliano@gmail.com

Marlon Santos de Oliveira Brito

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Endereço: Quadra 109 Norte, Av. NS-15, Plano Diretor Norte, Palmas – TO,

CEP: 77001-090

E-mail: marlon.brito@uft.edu.br

Katiuscia da Silva Fernandes

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Endereço: Quadra 109 Norte, Av. NS-15, Plano Diretor Norte, Palmas – TO,

CEP: 77001-090

E-mail: marlon.brito@uft.edu.br

Nubia Pereira Brito Oliveira

Mestre em Educação

Universidade Federal do Tocantins

Endereço: Quadra 109 Norte, Av. NS-15, Plano Diretor Norte, Palmas – TO,

CEP: 77001-090

E-mail: professoranubiabrito@gmail.com

Sonaira Souza Barbosa Pereira

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Endereço: Av. Dom Antônio Barbosa, 4155, Vila Santo Amaro, Campo Grande –

MS, CEP: 79115-898

E-mail: sonairabarbosa@hotmail.com

Victor Hugo de Araújo Gonçalves

Graduando em Medicina

Instituição: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Endereço: Av. Dom Antônio Barbosa, 4155, Vila Santo Amaro, Campo Grande –

MS, CEP: 79115-898

E-mail: victor.h.a.g2017@gmail.com

RESUMO

Este estudo teve como objetivo geral abordar a diversidade de gênero, sexualidade e educação no contexto de pessoas idosas da Universidade da Maturidade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UMA/UEMS). Os objetivos específicos consistiram em investigar e avaliar o nível de familiaridade dos alunos da UMA com os termos "diversidade" e "gênero"; apresentar suas percepções, além de discutir em que medida eles são detentores de concepções no contexto da diversidade de gênero e sexualidade. A metodologia é de cunho bibliográfico tendo como base uma pesquisa exploratória – descritiva. A coleta primária de dados utilizou-se da ferramenta *google forms* aplicando um questionário com questões abertas e de múltipla escolha para investigar o conhecimento dos alunos na terceira idade sobre a diversidade de gênero e a sexualidade. Constatou-se que, os entrevistados já ouviram falar a respeito da diversidade de gênero, contudo, existem equívocos quanto ao conceito. Há interesse quanto a busca por informações e esclarecimento específico sobre a diversidade como um todo. De um modo geral, as abordagens pontuais que apresentam teor preconceituoso sobre questões de cunho religioso podem ser decorrentes da falta de conhecimento.

Palavras-chave: envelhecimento, diversidade, gênero, sexualidade, educação.

ABSTRACT

This study had the general objective to address the diversity of gender, sexuality and education in the context of elderly people from the University of Maturity of the State University of Mato Grosso do Sul (UMA/UEMS). The specific objectives were to investigate and assess the level of familiarity of UMA students with the terms "diversity" and "gender"; to present their perceptions, as well as to discuss to what extent they hold conceptions in the context of gender and sexuality diversity. The methodology is bibliographical based on an exploratory – descriptive research. The primary data collection used the google forms tool by applying a questionnaire with open and multiple choice questions to investigate students' knowledge of gender diversity and sexuality in the third age. It was found that, the interviewees have heard about gender diversity, however, there are misconceptions about the concept. There is interest in the search for information and specific clarification about diversity as a whole. Generally speaking, one-off approaches that have a biased content on issues of a religious nature may be due to a lack of knowledge.

Keywords: aging, diversity, gender, sexuality, education.

1 INTRODUÇÃO

A estrutura etária brasileira vem passando por transformações e as diversas áreas do conhecimento tem buscado ressignificar a velhice com o intuito de manter as pessoas ativas com ações efetivas voltadas, principalmente, para a reinserção dos indivíduos na sociedade. Neste contexto da inserção social é preciso trazer reflexões sobre as temáticas que estão sendo discutidas e colaboram para transformações sociais relevantes, como é o caso da diversidade de gênero, sexualidade e educação no contexto da Universidade.

Em 2023, a população brasileira passou para 215 milhões de habitantes (segundo as projeções da ONU), sendo 43 milhões de jovens (representando 20% do total), 141 milhões de pessoas de 15 a 59 anos (representando 65% do total) e 33 milhões de idosos (representando 15% do total). Para 2100, as projeções da ONU indicam 185 milhões de habitantes, sendo 23 milhões de jovens (representando 13% do total), 88 milhões de pessoas de 15 a 59 anos (representando 48% do total) e 73 milhões de idosos (representando 40% do total). Sendo assim, favorecer a inserção social com

esclarecimentos conceituais de assuntos abrangentes e com abordagem diversas, pode ser pertinente para o público da terceira idade.

Existem diversas particularidades que afetam o indivíduo durante o processo de envelhecimento, como alterações estruturais, funcionais e cognitivas que podem limitar a funcionalidade. Resignificar o envelhecimento está atrelado a perspectiva de uma vida mais útil, prazerosa e produtiva na terceira idade, que tem representado uma sensível melhora na qualidade de vida dessa população.

Ao compreender as percepções e vivências dos alunos da UMA – Universidade da Maturidade da Universidade em relação à diversidade de gênero e identidade sexual, poderemos identificar lacunas existentes e propor estratégias para promover a conscientização e o respeito à diversidade na universidade e na sociedade como um todo. Assim, considerar a temática da diversidade de gênero, sexualidade e educação na terceira idade com as percepções de pessoas nessa faixa etária inseridas na universidade é relevante e justifica este estudo.

Posto isto, surgem os seguintes questionamentos: o conhecimento acerca da diversidade de gênero e sexualidade é um fator relevante na pessoa da terceira idade? Em que medida esse conhecimento contribui para a inserção social desse indivíduo? O desenvolvimento de projetos direcionados à educação para a terceira idade é relevante? Em que medida a inserção do indivíduo de terceira idade no âmbito educacional pode ser um diferencial na qualidade de vida?

O objetivo geral consistiu em abordar a diversidade de gênero, a sexualidade e a educação no contexto da UMA/UEMS. Os objetivos específicos consistiram em investigar e avaliar a familiaridade, o conhecimento dos alunos da UMA/UEMS acerca da diversidade de gênero e sexualidade; apresentar suas percepções, além de discutir em que medida eles são detentores de concepções no contexto da diversidade de gênero e sexualidade.

Primeiramente, apresenta-se uma contextualização sobre o envelhecimento e as tratativas que discutem a necessidade em se promover ações que favoreçam qualidade de vida na terceira idade, de modo que, as

pessoas nessa faixa etária sejam cada vez mais ativas e independentes. Assim como, conceitos sobre a diversidade de gênero, sexualidade e educação abordando de que modo esse conhecimento pode ser significativo na terceira idade.

Por conseguinte, considerando a educação contextualiza-se a inserção de pessoas na terceira idade no ensino superior descrevendo a implantação da UMA/UEMS. Viabilizar a inserção de pessoas da terceira idade na universidade é uma proposta desafiadora, contudo, favorecer o entendimento dessas pessoas acerca do contexto dos processos do envelhecimento frente à sociedade é uma forma de inibir a segmentação e promover transformações sociais.

Assim, o objetivo deste trabalho é descrever e compreender a promoção da inclusão, o empoderamento e o bem-estar dos idosos, em forma de análise técnico-científica que alcance o questionamento de que maneira a promoção da diversidade de gênero e sexualidade, aliada a uma abordagem educacional específica para pessoas idosas, pode contribuir para a ressignificação da experiência humana dentro do ambiente acadêmico da UMA/UEMS. Ou seja, uma pesquisa que amplie compreensões de como a abordagem da diversidade de gênero e sexualidade pode ser combinada com práticas educacionais específicas para pessoas que envelheceram e, neste caminho, influenciar positivamente a experiência dos envolvidos.

2 APONTAMENTOS SOBRE A TERCEIRA IDADE

A terceira idade é um período da vida em que as pessoas enfrentam uma série de desafios relacionados à identidade, autoestima e aceitação social. É essencial que as universidades voltadas para essa faixa etária ofereçam um ambiente acolhedor e inclusivo, no qual os indivíduos possam explorar e compreender questões relacionadas à diversidade de gênero e sexualidade. A promoção da diversidade de gênero e sexualidade na educação de adultos é fundamental para a construção de uma sociedade justa e igualitária (Santos e Soares, 2019).

A terceira idade vive conflitos e desafios, pois muitas vezes é estereotipada e discriminada por não dominar a lógica da sociedade da

informação e do conhecimento, na qual se conectam pessoas e sistemas. Esclarecer o conhecimento prévio e ampliar a ideia sobre a diversidade pode ser pertinente no cenário de inclusão social por meio da educação de nível superior (GOULART, 2007; SANTOS, 2013).

Conforme Goulart (2007) e Santos (2013) a terceira idade vive conflitos e desafios, pois muitas vezes é estereotipada e discriminada por não dominar a lógica da sociedade da informação e do conhecimento, na qual se conectam pessoas e sistemas. Para Louro (2003), a educação deve ser um espaço no qual as pessoas possam desenvolver uma consciência crítica em relação às normas e padrões estabelecidos pela sociedade, questionando e desconstruindo estereótipos de gênero e rompendo com a rigidez das identidades pré-determinadas. A UMA, voltada para a educação de pessoas idosas, representa um espaço privilegiado para promover a ressignificação da terceira idade.

3 DIVERSIDADE DE GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO NA TEORIA

A abrangência do conceito de diversidade ganha proporção no contexto do Brasil por ser esse país um território continental, caracterizado pela diversidade humana em suas cinco regiões, nas quais é possível encontrar diferenças climáticas, econômicas, sociais e culturais.

O conceito de diversidade, portanto, sempre se refere a pessoas ou grupos sociais que são considerados “diferentes” do que aquilo que a classe dominante define como “padrão”, uma referência “certa” que passa a ser naturalizada nas relações sociais (FERREIRA, 2015; SILVA, 2000). Salienta-se ainda que a diversidade se insere, necessariamente, na paisagem das relações desiguais de poder entre indivíduos e grupos sociais porque sempre diz respeito àquelas pessoas que se tornam vulneráveis à experiência de exclusão (OXFAM, 1999).

Ao tratar dos conceitos de diversidade e diferença há que se considerar a subjetividade e a intersubjetividade que constitui nossa relação com o outro/a porque a diversidade e a diferença que nos caracterizam como iguais não estão ‘lá fora’, desligadas de quem somos, mas estão aqui, presente no nosso agora existencial. Entender esta premissa é chave quando o foco de atenção está colocado sobre grupos vulneráveis uma vez que o enfrentamento de problemas, tais como, exclusão, violência e discriminação implicam em assumir que o ‘problema’ que as afeta (o/a outro/a que acreditamos ser diferente de

nós por suas marcas identitárias) ‘não está lá’, mas em cada um que perpetra a violência ou se cala diante da violação de seus direitos garantidos por meio de legislação vigente. (FERREIRA, 2014, p. 82).

A sociedade contemporânea tem sido marcada por transformações no que diz respeito à compreensão e valorização da diversidade de gênero e identidade sexual. No senso comum, espera-se que as marcas de sexo, gênero e sexualidade indiquem – sem ambiguidade – as identidades de quem as possui, o que revela a necessidade social limitante de enquadrar alguém (ou a nós mesmos/as) em uma identidade pré-definida e familiar (LOURO, 2000).

É fundamental abordar e discutir questões relacionadas à diversidade de gênero e sexualidade em todos os âmbitos da sociedade, incluindo as instituições educacionais. A escola e suas múltiplas práticas são atravessadas pelos gêneros, mesmo que se tente dizer o contrário. Isso implica dizer que não se pode pensar a escola sem que se lance mão das reflexões sobre as construções socioculturais de um suposto binarismo estável entre masculino e feminino (LOURO, 2014, p. 93). Sendo a escola um local de relações interpessoais, discutir a diversidade de gênero contribui para conscientização dos indivíduos.

Acredita-se que a abordagem sobre a diversidade de gênero, a sexualidade e a educação devem ser pautadas em três situações: a reflexão, o conceito e discussão, partindo do pressuposto de que, muitas vezes a reflexão é o caminho ideal para que haja entendimento consciente sobre a necessidade de buscar conceitos e discutir em que medida essas discussões possam ser pertinentes no contexto social. “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT 1990, p. 86)”.

O gênero não é natural ou inerente ao ser humano, pelo contrário, é socialmente aprendido. A nossa cultura atrela as questões de gênero ao sexo biológico e impõe que para o sujeito do sexo biológico feminino o único gênero a ser acessado é o feminino. Da mesma forma, ao indivíduo do sexo biológico masculino, o gênero masculino é aquele que lhe é imposto (FARIA FILHO, 2022, p.10).

Segundo Lemes (2016) o gênero diferencia as pessoas em femininas ou masculinas e cisgêneros, transgêneros ou não binárias, algo que se relaciona à “expressão”, ao “papel” sexual ou à performance. A sexualidade ou orientação sexual é associada às práticas afetivas e sexuais das pessoas, sejam heterossexuais, homossexuais, bissexuais, omni/pansexuais e assexuais. Neste sentido, Faria Filho (2022) apresenta as seguintes definições:

Cisgênero feminino: indivíduo que possui o sexo biológico feminino e se identifica socialmente como mulher; Cisgênero masculino: indivíduo que possui o sexo biológico masculino e se identifica socialmente como homem; Transgênero feminino: indivíduo que possui o sexo biológico masculino e se identifica socialmente como mulher; Transgênero masculino: indivíduo que possui o sexo biológico feminino e se identifica socialmente como homem; Gênero não-binário: indivíduo que se identifica, com gêneros que vão além do masculino e do feminino. Ex.: andrógine, gênero-fluido, intergênero, agênero, bigênero, pangênero, demigênero e poligênero (FARIA FILHO, 2022 p.11).

Machado e Silva (2017) destacam que a educação é uma ferramenta poderosa para promover a igualdade e o respeito às diferenças, fornecendo uma base sólida para a construção de uma sociedade mais inclusiva. Além disso, estudos como o de Oliveira *et al.* (2019) apontam que a educação de adultos, em particular, desempenha um papel fundamental na desconstrução de estereótipos de gênero e na promoção da igualdade de oportunidades.

Diante das questões sociais, percebe-se que muitas vezes é negado ao idoso à participação nas relações interpessoais (social), de modo que este segmento passa a ser excluído (desintegrado) de sua posição social, pois dentro do próprio ambiente social é notório o descaso com a velhice, com as pessoas que envelhecem que não conseguem exercer sua cidadania e a velhice serve como motivo de expropriação de sua autonomia (CAROLINO *et al.*, 2011). Frutuoso (1999) relata que muitos estudos focam um aumento da satisfação e da longevidade em idosos que mantêm uma vida social intensa, sugerindo que relacionamentos sociais são fatores importantes para o bem-estar físico e mental na velhice.

Segundo Farias (2019, p.24) a maioria dos programas se apresenta como universidades temáticas com currículo organizado em disciplinas eixos, com a finalidade de trabalhar temas relevantes sobre o processo de envelhecimento e

integração social. O intuito é superar preconceitos, informar sobre direitos, estimular o convívio social, resgatar a cidadania e incentivar a autonomia. A UMA/UEMS promove a troca de experiências entre os participantes, reconhecendo a importância do diálogo intergeracional. Cabe salientar que,

A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que pode ser desligado ou algo do qual pode se despir. É inaceitável, portanto, que a escola mantenha um relacionamento com os diferentes sobre o domínio do mítico, do inatingível, do utópico, do normatizador, do inquisitorial (ANDRADE, 2012, p.18).

Ao explorar as percepções dos alunos da UMA este estudo fornecerá *insights* valiosos para o desenvolvimento de estratégias educacionais e atividades que promovam a diversidade de gênero e identidade sexual na universidade. Com base nos resultados será possível identificar possíveis lacunas de conhecimento e oferecer sugestões para a promoção da conscientização e do respeito à diversidade de gênero entre os alunos da UMA.

4 IMPLANTAÇÃO DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE (UMA/UEMS)

A educação emerge como fonte primordial ao início de um novo pensamento e até mesmo de uma mudança cultural, onde haja a valorização do velho, a estimulação de sua criatividade, a busca de novos conhecimentos e até mesmo o aprimoramento de conhecimentos, criando-se um real compromisso social com essa faixa etária (VICTOR *et. al.* 2019, p.5). A proposta de implantação da UMA/UEMS está fundamentada em diretrizes vinculadas às Tecnologias Sociais: Envelhecimento da população; Educação em saúde; Relacionamentos intergeracionais; e Educação intergeracional. (UEMS, 2022).

Para tanto, foi estabelecido um acordo e cooperação técnica entre a UFT – Universidade Federal do Tocantins e a UEMS e como forma de ampliar a atuação institucional, a Universidade da Maturidade (UNAMI/UEMS), na Unidade Universitária de Campo Grande, nasce em 2022, a partir do conjunto de esforços institucionais e coletivos de seus servidores, estudantes sob a coordenação autoral da professora Dra. Neila Barbosa Osório e do professor Dr. Luiz Sinésio Silva Neto, além do importante apoio da equipe multidisciplinar envolvida no processo educacional.

A UMA/UFT foi criada no dia 26 fevereiro de 2006 com a aula magna da Universidade da Maturidade, ministrada pelo então Reitor da Universidade, professor Dr. Alan Barbiero. Este evento histórico para a UFT aconteceu em Palmas, contando com a presença de 350 inscritos, sendo que, à época, o Programa só disponibilizava 50 vagas, como projeto de extensão. Atualmente se configura no programa de extensão de maior visibilidade na UFT, com ações indissociáveis com o ensino e a pesquisa, seis anos após sua criação, recebe o Certificado de Registro da Marca UMA Nº 901826235, concedido em 02/05/2012, com validade para 10 anos, tendo como titular a Universidade Federal do Tocantins, CNPJ: 05149726000104 (UMA, 2022; GOMES DA COSTA, 2015).

Na parte de formação, o projeto busca a capacitação de recursos humanos, em diferentes níveis, para atuarem com competência no mercado de trabalho junto a acadêmicos e grupos, no sentido de atender as necessidades advindas do processo do envelhecimento humano. Essa busca favorece a plena realização da liberdade e da valorização do ser humano, dando-lhe condições para que, por meio do saber conhecer, do saber fazer e do saber ser, melhor se situe como acadêmico na sociedade, inclusive no contexto profissional em que vive e convive.

Estão envolvidos inicialmente os cursos de graduação em Turismo, Ciências Biológicas, Psicologia, Dança, Teatro, Letras Espanhol, Letras Inglês, Letras Bacharelado, Pedagogia, Geografia Bacharelado, Geografia Licenciatura, Medicina, Administração Pública e História. Além desses, os programas de mestrado Profhistória, Profeduc, Profletras e Mestrado Acadêmico em Letras.

As atividades começaram no primeiro semestre de 2023, disponibilizando um curso com certificação em Educador Social do Envelhecimento Humano, desenvolvendo uma abordagem holística, priorizando educação, saúde, esporte, lazer, arte e a cultura, concretizando, o desenvolvimento integral dos acadêmicos, em busca da melhoria da qualidade de vida e o resgate da cidadania. A formação em Educador Social do Envelhecimento Humano é aberta para todos os níveis de escolaridade. O curso é aberto para maiores de 45 anos e atualmente, conta com 120 alunos, não limitando o público-alvo a somente idosos.

5 METODOLOGIA

A metodologia é de cunho bibliográfico – documental tendo como base uma pesquisa exploratória – descritiva, pois “a pesquisa bibliográfica, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo (Marconi e Lakatos 2011, p. 57)”. O material documental considerou as diretrizes nacionais da educação e também a implantação da UMA/UEMS na unidade de Campo Grande, MS como um projeto piloto visando contemplar os objetivos sociais da universidade no que tange a inserção social de pessoas.

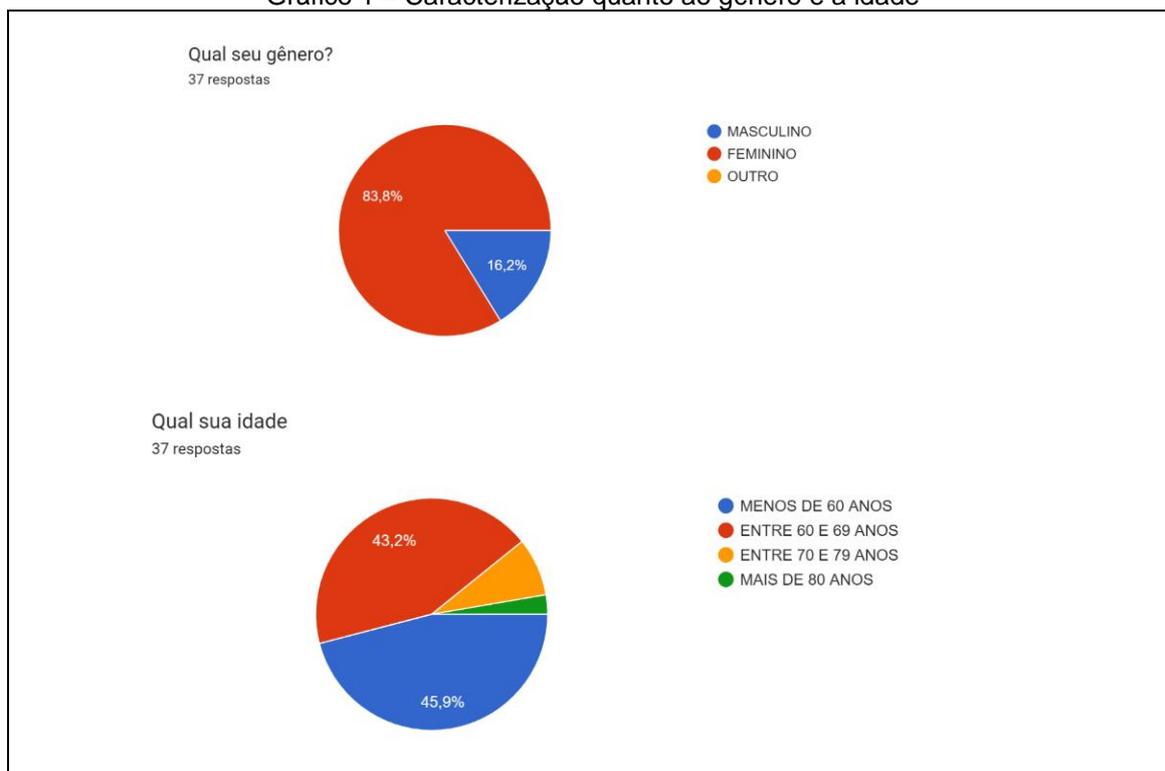
A coleta primária de dados ocorreu entre os meses de abril e maio de 2023, utilizou-se da ferramenta *google forms* aplicando um questionário com questões abertas e de múltipla escolha para investigar o conhecimento dos alunos na terceira idade sobre a diversidade de gênero e a sexualidade. O questionário foi aplicado para 120 alunos matriculados na UMA, que receberam a denominação de “Entrevistados” e foram numerados conforme a ordem de respostas dadas. Ao passo que, neste trabalho, a triagem alcança as respostas entre os 37 entrevistados. Quanto a análise dos dados, a abordagem é qualitativa, pois o enfoque qualitativo dá-se pela premissa de que, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21).

A fundamentação teórica considerou os estudos de Faria Filho (2022), Santos (2013), Assis (*et.al.* 2016), Gomes da Costa (2015), Ferreira (2015), Santos e Soares (2019), Andrade (2012), Carolino (2011), Silva (2000), Frutuoso (1999), Scott (1990), Louro (2000/2003/2014), Goulart (2007), dentre outros. Aponta-se ainda que, tal procedimento situa-se no terreno da contra generalização e contribui para relativizar conceitos e pressupostos que tendem a universalizar e a generalizar as experiências humanas [...] os depoimentos recolhidos através do procedimento de constituição de fontes orais traduzem visões particulares de processos coletivos (DELGADO 2010, p. 18). A conclusão apresenta-se de forma descritiva.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostragem contou com o quantitativo de 120 alunos da UMA/UEMS, sendo que 37 pessoas responderam, de certo modo, o quantitativo de participantes se mostrou abaixo do esperado diante das expectativas dos pesquisadores. Como pode ser constatado no Gráfico 1 “Caracterização quanto ao gênero e a idade”, a maioria dos investigados é do gênero feminino 83,8% da amostragem; quanto a idade, a maioria 45,9% têm idade inferior a 60 anos, seguidos por um quantitativo de 43,2% com idade entre 60 e 69 anos de idade, 8,3% possuem entre 70 e 79 anos; e uma parcela dos entrevistados possui mais de 80 anos.

Gráfico 1 – Caracterização quanto ao gênero e a idade



Fonte: Entrevistados (2023), arte do *Google Forms*.

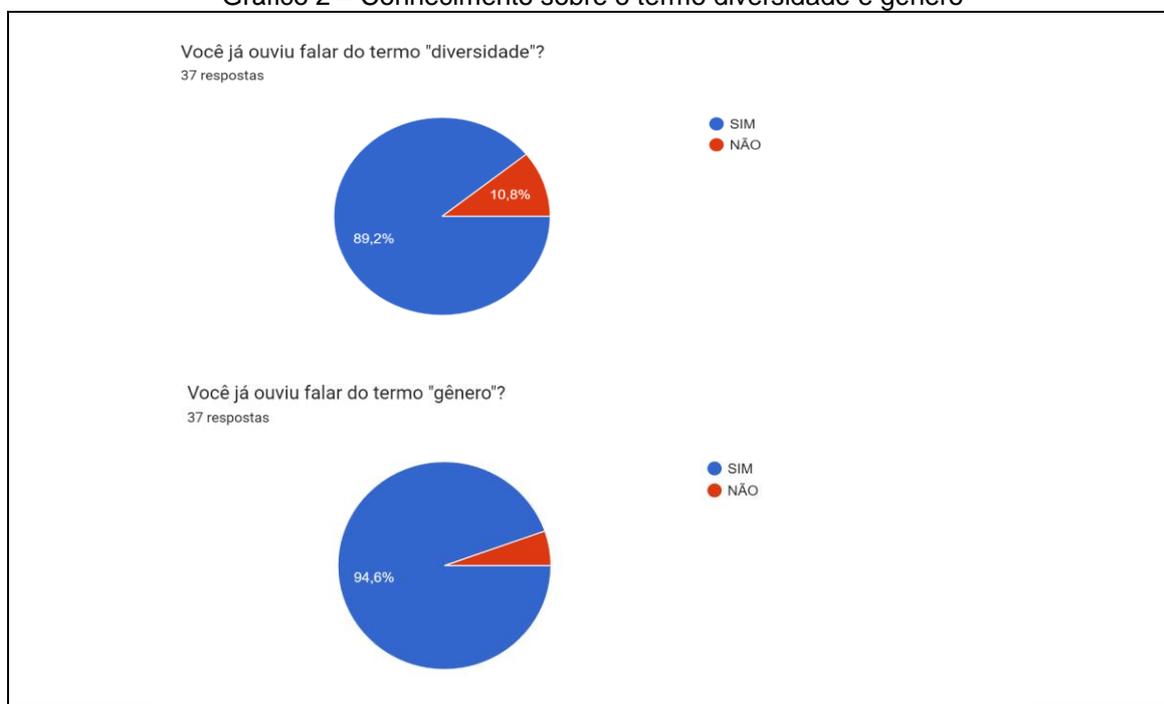
A ideia de que os idosos estão mais ativos no contexto educacional é um diferencial e pode ser constatado nesta amostragem. No Brasil, diversas políticas públicas, estabelecidas na Constituição Federal de 1988 (CF/1988), na Política Nacional do Idoso (PNI) e no Estatuto do Idoso, fazem referência ao papel dos programas de universidade para a terceira idade (ASSIS *et.al.* 2016).

Quanto aos objetivos propostos buscou-se investigar o nível de conhecimento dos alunos sobre a diversidade de gênero, sexualidade e educação.

No Gráfico 2 “Conhecimento sobre o termo diversidade e gênero”, observa-se o que foi alcançado a respeito dos conhecimentos sobre a diversidade, de modo que 89,2% dos investigados disseram já ter ouvido falar do termo diversidade. Considerando as pessoas que já tinham algum conhecimento sobre o termo diversidade, buscou-se saber em que medida isso se dava e foi possível observar que existe muita confusão sobre o que é, como conceitua-se a diversidade e em que contexto se discute com clareza. Apontaram que consiste em variedade como nas questões de gênero em sua multiplicidade.

Nesse sentido, salientaram ainda que requer uma compreensão sobre a diferença como um todo, bem como, entender o diferente, conviver com o desigual, respeitar o contrário, aceitar conteúdos e valores do ser humano. A universidade para a terceira idade pode e deve funcionar como um elo nesta cadeia de construção da cidadania na velhice brasileira (ASSIS *et.al.* .2016).

Gráfico 2 – Conhecimento sobre o termo diversidade e gênero



Fonte: Entrevistados (2023), arte do *Google Forms*.

Dentro das concepções sobre a diversidade contextualizando com a representatividade discutindo a questão dos grupos com suas diferenças e semelhanças que definem essas pessoas, as tornando únicas de acordo com sua etnia, gênero, orientação sexual, deficiência, religião ou nacionalidade. Colocaram também como “conceito” de pluralidade associado a manifestações sociais, sejam elas étnicas; de orientação sexual; culturais, entre outras. Constatou-se que o ponto de vista é bem variado, não existe uma definição específica sobre o que é diversidade. Apresentar conceitos e ampliar as discussões é pertinente para que sejam esclarecidas lacunas no conhecimento. Para aprofundar a discussão, questionou-se sobre o conhecimento básico sobre o termo gênero, 94,6% dos investigados apontaram que já ouviram falar sobre o termo.

A educação assume papel preponderante na disseminação desta nova visão da velhice, pela inclusão social do idoso. O conhecimento é um instrumento eficiente e necessário para o empoderamento, em especial, para os idosos, na tentativa de superar os desequilíbrios sociais (OLIVEIRA, 2016). A maioria já ouviu falar sobre o termo gênero, contudo, ao serem questionados sobre qual era o seu entendimento, observou-se que assimilam o gênero apenas quanto a relação em ser masculino ou feminino, poucos apontaram que existem pessoas que não se enquadram nessa classificação, mas não apontaram quais as possíveis nomenclaturas e/ou conceitos desses que não se enquadram.

A abordagem mais específica observada na coleta de dados foi quanto o significado de diversidade está associado ao fato de que, mulheres e homens são produtos da realidade social e não somente decorrente da anatomia de seu corpo. Nas concepções acerca dos gêneros feminino e masculino as respostas foram bem curtas e com apontamentos que corroboram com a necessidade de se trazer conhecimento teórico específico sobre a diversidade de gênero no cenário da educação para pessoas na maturidade. A educação voltada para a terceira idade deve possibilitar a inserção social, o reconhecimento dos novos papéis sociais que os idosos assumem com o passar dos anos, além de permitir uma reflexão sobre como a sociedade estruturada em classes sociais é organizada (OLIVEIRA, 2016).

Os entrevistados apontaram que:

“São considerados de gênero feminino os nomes de mulheres e as suas funções. Exemplos: Lia, Maria, Luzia, rainha, professora, vendedora” (Entrevistado 1).

“Significa o sexo feminino, ou seja, termo utilizado diferenciando biológica macho e fêmea. Na questão biológica” (Entrevistado 21).

“O gênero feminino é a classificação do corpo de uma mulher com órgãos sexuais características femininas para a maternidade e procriação da humanidade” (Entrevistado 13).

“A pessoa ser mulher biologicamente e/ou se sentir mulher psicologicamente” (Entrevistado 24).

“Gênero feminino no tradicional são mulheres. Mas, na forma aceita hoje é todos aqueles que se sentem como mulher” (Entrevistado 18).

Na abordagem sobre o gênero masculino já observou – se uma visão de que existe uma anormalidade, levando a entender que aqueles que não se enquadram não são normais, quanto aos que não se enquadram no determinado como padrão para o gênero:

“É um ser humano sem problemas, normal e corresponde como um biotipo de adereços e trejeitos masculinos. Pode-se colocar também como o sexo masculino” (Entrevistado 21).

“Relação ao sexo biologicamente macho. Como na condição de palavra refere-se às terminações do artigo” (Entrevistado 10).

“O gênero masculino é a classificação do homem com órgão sexual diferente da mulher e próprio para induzir a procriação da humanidade através da mulher” (Entrevistado 15).

“Na forma tradicional todos aqueles qualificados como homem, mas na forma atualizada são todos aqueles que se sentem assim” (Entrevistado 35).

Pontuaram o conceito de gênero como questão biológica quanto a ser menino ou menina, mas destacam a questão psicológica de como essa pessoa se identifica, porém colocaram que isso é algo mais atual: “Na forma tradicional todos aqueles qualificados como homem, mas na forma atualizada são todos aqueles que se sentem assim” (Entrevistado 31).

Quanto à diversidade de gênero, no Gráfico 3 “Importância do conhecimento sobre a diversidade” observa-se que os investigados não apresentaram definições claras quanto à temática e abordaram como:

“Algo criado pelo homem pra justificar sua dificuldade de adaptação ao sexo de nascimento” (Entrevistado 14).

“A diversidade nasce com um gênero sexual e se identifica, e vive com outro gênero” (Entrevistado 6).

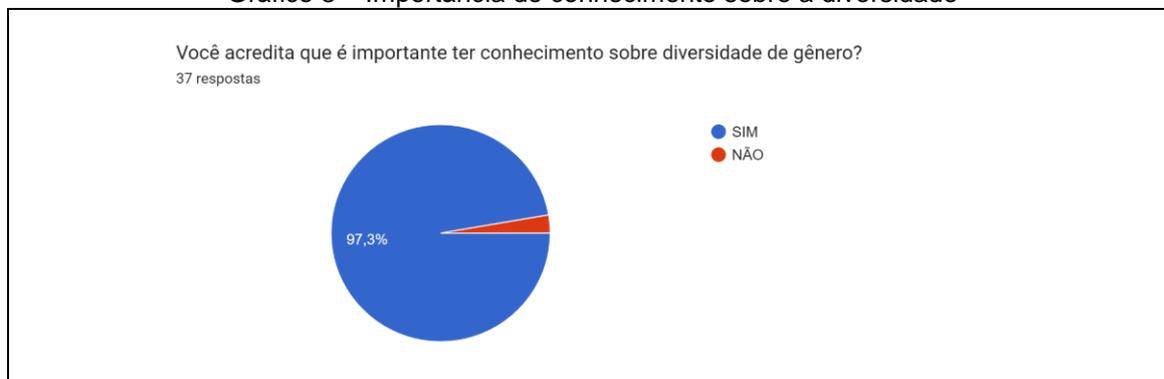
“É um ser humano com valores contrários ao normal. Está ligado com vários tipos gêneros, onde a pessoa se vê e se reconhece com aquele sexo, podendo ser ele masculino ou feminino” (Entrevistado 24).

“A diversidade de gênero é a representatividade de todas as identidades de gênero dentro de um contexto em que elas são respeitadas” (Entrevistado 25).

“São opções sexuais e comportamentais com as quais as pessoas se identificam e se sentem inseridas” (Entrevistado 12).

“Uma maneira inclusiva para inserir todos na sociedade da maneira que se identifica” (Entrevistado 22).

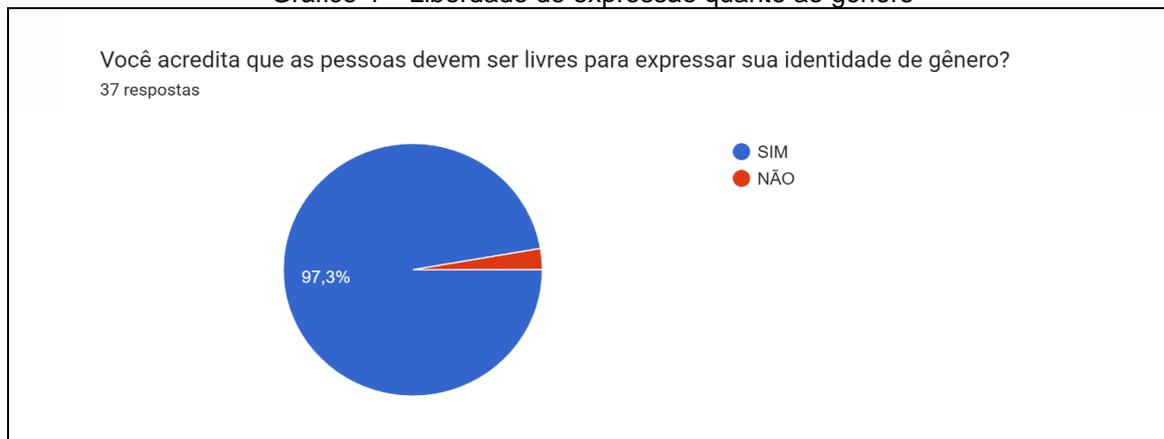
Gráfico 3 – Importância do conhecimento sobre a diversidade



Fonte: Entrevistados (2023), arte do *Google Forms*.

Embora o conhecimento teórico dos alunos apresente-se de forma confusa, mais esclarecimentos podem ampliar concepções, pois, como pode ser constatado no Gráfico 4 “Liberdade de expressão quanto ao gênero”: 97,3% acreditam na importância do conhecimento sobre a temática; também acreditam que as pessoas devem ser livres para expressar sua identidade de gênero; como apontaram 97,3% dos investigados, o que reforça a ideia de que um pouco mais de esclarecimento específico acerca de teoria e conceitos pode ser um diferencial positivo para as discussões sobre a diversidade.

Gráfico 4 – Liberdade de expressão quanto ao gênero



Fonte: Entrevistados (2023), arte do *Google Forms*.

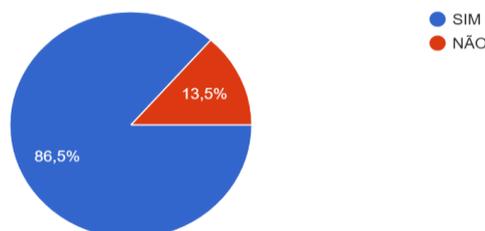
Atualmente, as discussões sobre a diversidade de gênero foram ampliadas, mas acredita-se que para muitas pessoas, ainda existem questionamentos que precisam de esclarecimentos pontuais. Observa-se no Gráfico 5 “Participação e interesse em atividades sobre diversidade de gênero” que o grupo investigado demonstra essa necessidade, pois 83,8% disseram não terem participado das atividades; 16,2% disseram já ter participado de alguma atividade sobre diversidade, como a parada gay do movimento LGBTQIA+; e 86,5% gostariam de participar de atividades futuras. As universidades, assumindo também a tarefa de desenvolvimento cultural do segmento idoso, ampliam o seu compromisso social, integrando os que se encontram à margem do processo de desenvolvimento e, por conseguinte, levando-os a usufruir os bens advindos da proposta (OLIVEIRA, 2016).

Gráfico 5 – Participação e interesse em atividades sobre diversidade de gênero



Você gostaria de participar de alguma atividade relacionada à diversidade e gênero no futuro?

37 respostas



Fonte: Entrevistados (2023), arte do *Google Forms*.

De um modo geral, observou-se que a falta de conhecimento específico é um dos fatores que compromete as discussões efetivas sobre a diversidade de gênero. Contudo, o interesse por atividades que possam esclarecer estas lacunas quanto a conceitos teóricos existe é necessário aproveitar esta vontade em saber mais, em buscar apontamentos que colaborem para o esclarecimento de pequenas dúvidas teóricas. Com isso, questionou-se se os investigados acreditavam que a diversidade e a identidade de gênero são importantes para a sociedade, e 100% apontaram que sim. Focalizar os preconceitos e as práticas discriminatórias em relação à diversidade sexual e de gênero no espaço escolar é uma forma de denunciar, por um lado, os processos de exclusão presentes em nossa sociedade. Por outro lado, é uma forma de indicar a existência de outras possibilidades de lidar com a diversidade humana (DEMO, 2005).

Considerando que todos acreditam que a diversidade e o respeito à identidade de gênero são importantes, os investigados foram questionados sobre o fato de conhecerem pessoas que eram homens e se tornaram mulheres ou que eram mulheres e se tornaram homens. A maioria disse que conhece pessoas que mudaram de gênero tanto pela imprensa quanto pessoalmente, que passaram por alguma transformação, inclusive, destacaram que possuem parentes.

Quando questionados sobre como pensam a respeito da pessoa que muda de gênero, pontuaram que de certo modo:

“Não compreendem, mas cada indivíduo é responsável pelos seus atos, que têm o direito de escolha, porém é necessário que essa pessoa tenha um acompanhamento médico rigoroso” (Entrevistado 5).

“É o direito de cada um viver de acordo com a liberdade de ação e expressão tendo em vista que estamos numa democracia” (Entrevistado 32).

“Na mente dessas pessoas dificilmente elas irão mudar, devemos conviver com elas e aceitar normalmente, sem excluir do nosso convívio social” (Entrevistado 23).

As formas como homens e mulheres vivenciam e dão sentido à sua sexualidade é mediada, de forma importante, pelas crenças, valores e práticas culturais orientados pelas questões de gênero (BLACKWOOD, 2000)

“No começo do meu entendimento, achei um tanto complicado. Agora vejo com mais naturalidade. Livre arbítrio de cada um. Acho que tá tudo certo, está acontecendo exatamente o que a Bíblia nos ensina, o fim está próximo” (Entrevistado 28).

“Eu por ser uma pessoa que entende a palavra da doutrina da Igreja, Deus deixou homem e mulher, mas os tempos das pessoas acham certo ser o contrário, cada um se escolhe” (Entrevistado 8).

“Penso que devemos sempre buscar nos sentir bem conosco, e se a pessoa vê a necessidade de mudar de gênero para que isso aconteça, deve fazer” (Entrevistado 12).

“Creio que a pessoa tem que estar feliz com o seu corpo, se o seu aparelho sexual o incomoda e lhe traz sofrimento, não vejo mal na mudança” (Entrevistado 15).

Tanto homens como mulheres que apresentam uma identidade sexual não-hegemônica se constituíram enquanto sujeitos em contextos socioculturais marcados, em diferentes graus, pela homofobia, por uma concepção de normalidade que exclui outras possibilidades de vivência da própria sexualidade. (MADUREIRA & BRANCO, 2007, p. 87)

Sobre possíveis sugestões acerca de como podemos promover a diversidade e o respeito à identidade de gênero na sociedade disseram que:

“O ideal é que sejam feitas campanhas de esclarecimento visando informação e esclarecimento para a sociedade, destacaram ainda que, quando aceitamos no convívio, já estamos promovendo o respeito, às mídias são importantes, mas é difícil é a aceitação por parte dos mais velhos” (Entrevistado 14).

“Realizando ações de combate à discriminação como danças, teatro, congressos, reuniões, palestras” (Entrevistado 28).

“Ajudar este grupo nas suas escolhas, quando ouvirmos piadas ou comentários pejorativos ou desnecessários nos posicionarmos e informar que a base de uma sociedade harmônica e com paz e o respeito” (Entrevistado 18).

“Acredito muito que toda mudança começa por nós, todos os dias um pouquinho e multiplicando com amor e harmonia” (Entrevistado 20).

“Sou cristã, e acredito que não devemos promover nada disso, ao contrário temos que alertar as pessoas, pregar o amor de Cristo, mas não sermos omissos, porque só existem 2 caminhos, o largo e o estreito, cuidemos para entrar pela porta estreita” (Entrevistado 8).

Neste contexto, é preciso considerar que, como há uma estreita relação entre os preconceitos e o sistema de valores pessoais aqueles indivíduos que, por diversos motivos, estabeleceram uma relação rígida com os seus valores religiosos tendem a apresentar atitudes homofóbicas (MADUREIRA & BRANCO, 2012).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do material investigado foi possível constatar que as discussões sobre a diversidade de gênero e a sexualidade ainda são complexas considerando que as pessoas não possuem conhecimento específico no que tange aos conceitos. Com isso, esbarram em situações que podem gerar desrespeito às diferenças, assim como, preconceito por falta de esclarecimento. No âmbito educacional, sendo a escola formadora de opinião com a missão de promover a inserção social consciente, abordar essa temática com o intuito de apresentar conceitos, esclarecer informações difundidas com conteúdo inadequado e ampliar as discussões efetivas tendo como público-alvo os alunos da terceira idade é oportuno e significativo.

Ações que promovam a reinserção social de pessoas na terceira estão cada vez mais abrangentes e visando promover qualidade de vida e não só o prolongamento da vida, o foco é estabelecer um propósito na vida dessas pessoas apresentando temáticas relevantes e que estão no auge das tratativas quanto a direitos e deveres, conscientizando e desenvolvendo a ressignificação da velhice com base na educação. A criação de uma

universidade que contemple o público em suas especificidades é pertinente e tem sido significativo para essa parcela da população.

A expectativa quanto a abordagem acerca da diversidade de gênero, sexualidade e educação no contexto da Universidade da Maturidade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UMA/UEMS) é que os alunos possam expor os seus conhecimentos e que estes possam ser esclarecidos de modo efetivo com ações didáticas na instituição.

A coleta de dados apontou que os alunos já ouviram falar sobre a diversidade como um todo, e sobre a diversidade de gênero, mas não existe um conhecimento específico significativo, apontam a relação de diversidade de gênero quanto ao ser masculino ou feminino e até que existem pessoas que não se enquadram nessa classificação, porém não abordam em quais outras nomenclaturas poderiam ser enquadradas esses indivíduos. Houve apontamentos salientando que o gênero é produto da realidade social e não algo decorrente da anatomia do corpo humano. Assim como, uma forma de promover a inclusão daqueles que estão a margem delimitado como ideal.

Acredita-se que dentre as tratativas de inserir a pessoa na terceira idade no cenário universitário é pertinente apresentar abordagens quanto a temáticas sociais que fazem parte da rotina, mas precisam de maiores esclarecimentos e discussões que favoreçam à compreensão partindo de conceitos teóricos básicos. Com isso, a ideia de inserção social torna-se ainda mais ampla, posto que colabora para o esclarecimento de quebra de preconceitos pré-estabelecidos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. N. de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência a ordem normativa**. 278 f.: il. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – CE, 2012.

ASSIS, Marcella Guimarães. DIAS, Rosângela Corrêa. NECHA, Ruth Myssior. **A universidade para a terceira idade na construção da cidadania da pessoa idosa**. Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões, 2016. Disponível: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9086/1/A%20Universidade%20para%20a%20terceira%20idade.pdf>. Acesso 30 de maio de 2023.

BLACKWOOD, E. **Culture and women's sexualities**. Journal of Social Issues. 2000 56(2),223-238. doi:10.1111/0022-4537.00162.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei no 10.741, de 1o de outubro de 2003. **Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, p. 1, 3 out. 2003.

CAROLINO, J. A., Soares, M. L., & Cândido, G. A. **Envelhecimento e cidadania: possibilidades de convivência no mundo contemporâneo**. Qualitas Revista Eletrônica, 11(1). 2011.

DELGADO, L. de A. N. **História oral – memória, tempo, identidades**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DEMO, P. **Éticas multiculturais: Sobre convivência humana possível**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2005.

ENTREVISTADOS. **Acadêmicos da Universidade da Maturidade Participantes da Pesquisa**. UMA/UEMS: 2023.

FARIA FILHO, Fausto de Melo. **LGBTQIA+: um guia educativo**. Fausto de Melo Faria Filho; Rafael Alves Oliveira; Érick Luiz de Paulo Rodrigues. – 1. ed. ampl. Ceres, GO: IF Goiano, 2022.

FARIAS, Bruno Serviliano Santos. **Design gráfico inclusivo para a terceira idade: análise dos elementos iconográficos e tipográficos**. 2019. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/191372/farias_bss_dr_baur_u.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 25 de maio de 2023.

FERREIRA, Windyz Brazão. **Educação Inclusiva. Será que sou contra ou a favor de uma escola de qualidade para todos?** Inclusão. Revista de Educação Especial. Outubro 2014. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>. Acesso: 29 de maio de 2023.

FERREIRA, Windyz Brazão. **‘Pedagogia de Possibilidades’: é possível um currículo para a diversidade nas escolas brasileiras?** Cadernos CENPEC. São Paulo. Vol.3. 2015. Disponível: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/230>. Acesso: 29 de maio de 2023..

GOMES DA COSTA, Samara Queiroga Borges. **A Educação Intergeracional como Tecnologia Social: uma vivência no âmbito da Universidade da Maturidade-UFT.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas – Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação, 2015.

GOULART, D. **Inclusão digital na terceira idade: a virtualidade com objeto e reencantamento da aprendizagem.** Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação, PUC – RS, Porto Alegre. 2007.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis. RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, escola e identidade.** Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, 2000.

MADUREIRA, A. F. A., & BRANCO, A. M. C. U. A. **As raízes histórico-culturais e afetivas do preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola.** In A. U. Branco & M. C. S. L. Oliveira (Eds.), *Diversidade e cultura da paz na escola: Contribuições da perspectiva sociocultural* (pp. 125-155). Porto Alegre, RS: Mediação, 2012.

MADUREIRA, A. F. A., & BRANCO, A. U. **Identidades sexuais não-hegemônicas: Processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, 23(1),81-90. 2007. doi:10.1590/S0102-37722007000100010

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. SCORTEGAGNA, Paola Andressa. SILVA, Flávia Oliveira Alves da. **O idoso na universidade: inclusão, educação e extensão universitária.** Olhar de Professor, vol. 19, núm. 2, pp. 134-148, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/684/68459741002/html>. Acesso em: 30 maio 2023.

OXFAM. **Breaking the cycle of poverty: education now!** OXFAM, 1999.

SCOTT, Joan Wallach. “**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**”. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul/dez., 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e Diferença: as perspectivas dos estudos culturais**. Petrópolis, Vozes: 2000.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL (UEMS). **Projeto Político Pedagógico da Universidade da Maturidade (UMA)**. Campo Grande: UEMS, 2022.

VICTOR, Paola Lazzaretti, CERICATTO, Soely Kunz, LAGARES, Rosilene, PEDRO, Wilson José Alves, MARTINS, Paulo Fernando de Melo, OSÓRIO, Neila Barbosa, NETO, Luiz Sinésio S.. **Velhices: um novo desafio para a universidade contemporânea**. o caso da UMA/UFT. Revista Humanidades e Inovação v.6, n.11 – 2019.